

## **35º Congresso Brasileiro de Pesquisas Cafeeiras**

### **GERAÇÃO DE EMPREGOS NA CAFEICULTURA BRASILEIRA: COFFEA ARÁBICA VERSUS COFFEA CANEPHORA**

F. M. M. BLISKA – Centro de Café, Instituto Agrônomo/IAC, Secr. Agric. e Abast. Est. São Paulo – bliska@iac.sp.gov.br, J. M. Guilhoto – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, guilhoto@usp.br, D. IMORI – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, denise.imori@gmail.com, F. M. SAKON – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, fsakon@gmail.com, F. S. CAMARGO – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, sartori.f@gmail.com, C. L. R. VEGRO – Instituto de Economia Agrícola/IEA, Secr. Agric. e Abast. Est. São Paulo – celvegro@iea.sp.gov.br

A lavoura do café é bastante difundida no território brasileiro, especialmente em função do caráter migratório da cultura. Durante muitas décadas o café foi o principal produto das exportações nacionais e atualmente, apesar da redução em sua participação na pauta exportadora, ainda é muito importante para as economias dos seis principais estados produtores brasileiros – Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Bahia e Rondônia. Embora os parques cafeeiros desses estados produtores apresentem características tecnológicas e estruturais peculiares, os sistemas de produção intensivos em mão-de-obra e de perfil familiar predominante na maior parte dos cinturões produtores, principalmente na etapa da colheita, responsável muitas vezes por até 40% dos custos de produção agrícola. Em função do uso intensivo de mão-de-obra nessa lavoura, este estudo analisa a importância dos setores de produção agrícola dos cafés do tipo Arábica (*Coffea arábica*) e Robusta (*Coffea canephora*), quanto à geração de empregos para as respectivas economias estaduais e para a economia brasileira como um todo, e disponibiliza subsídios para a elaboração de políticas públicas destinadas ao planejamento e aumento da competitividade setorial.

Para atingir seus objetivos, foi construído um sistema inter-regional de insumo-produto, para o ano 2002, com sete regiões, cada uma delas com 44 setores (total de 308 setores), consistentes com a estrutura produtiva da economia retratada com a reformulação do Sistema de Contas Nacionais ocorrida em 2007. Neste artigo são analisados especificamente os efeitos geradores de emprego direto, indireto e induzido, bem como os efeitos dos multiplicadores de emprego Tipo I e Tipo II, para os setores e Estados que compõem o sistema.

O gerador de emprego direto é um coeficiente que indica a razão entre o número de pessoas empregadas pelo valor bruto da produção. O gerador indica para cada unidade monetária produzida na produção final, o quanto se gera, direta e indiretamente de empregos na economia. A álgebra associada aos geradores de emprego determina, não só a quantidade de empregos gerada no próprio setor, como também todo o emprego demandado pela economia devido a um aumento de demanda em quaisquer setores. Por definição, os geradores de emprego são divididos em três tipos: gerador de emprego direto, determina quantos empregos são gerados em um determinado setor produtivo quando a produção do mesmo setor é aumentada; gerador de emprego indireto, determina quantos empregos são gerados em todos os outros setores quando a produção de um determinado setor é aumentada; gerador de emprego induzido, determina quantos empregos são gerados devido ao aumento do consumo das famílias, influenciado pelo aumento da renda da população, dado o aumento da quantidade de emprego direto, indireto e induzido. Quanto ao efeito

multiplicativo, quando se restringe somente à demanda de insumos intermediários, é chamado de multiplicador do tipo I. No entanto, os efeitos também se repetem do lado dos insumos primários de uma forma diferente: um aumento na demanda por mão-de-obra fará com que haja um aumento no poder aquisitivo das famílias, gerando desta forma um aumento na demanda destas por produtos finais. Isto fará com que haja um aumento, novamente, no nível de atividade dos setores produtores, que por sua vez vão aumentar a demanda pelos diversos tipos de insumos, inclusive mão-de-obra, que causará um novo aumento no poder aquisitivo, causando um aumento na demanda final das famílias, e assim sucessivamente até que o sistema chegue ao equilíbrio. Este aumento do emprego causado pelo aumento na demanda do consumo das famílias é chamado de efeito induzido (multiplicadores do tipo II).

### **Resultados e Conclusões**

A análise dos geradores e multiplicadores de emprego, nos estados onde os setores relacionados à produção agrícola de café têm maior participação indica que, tanto os setores produtores de café Robusta como os de café Arábica estão, em geral, entre os setores que geram maior número de empregos para o Brasil e para seus respectivos estados, por unidade monetária produzida de produto final. Esse fato decorre principalmente de seus efeitos induzidos. Portanto, políticas públicas que estimulem a produção setorial deverão contribuir para o aumento, ou ao menos para a manutenção de postos de trabalho.

Nos Estados onde a cafeicultura tem grande participação, o efeito gerador de empregos chega a apresentar um destaque singular frente aos demais setores. No Estado de Minas Gerais, maior produtor brasileiro de café arábica, responsável por cerca de 50% do volume total produzido, o gerador de empregos totais do setor de produção de café Arábica destaca-se como segundo colocado entre os maiores geradores de emprego no período analisado.

No Estado do Espírito Santo os dois setores estão entre os cinco maiores geradores de empregos totais: primeira colocação para Robusta e terceira para Arábica. Esse resultado é compatível com os indicadores socioeconômicos desse Estado, uma vez que o Espírito Santo é o maior produtor brasileiro de café robusta, grande exportador, possui indústrias e grande número de torrefações. Além disso, o café está presente em parcela considerável das propriedades rurais desse Estado, grande parte delas de pequeno porte, ou familiares, e a mecanização da colheita não é significativa.

Em São Paulo somente o setor de produção de café Arábica se destaca – terceiro maior gerador de empregos dentre os 44 setores do Estado – visto que o Estado não produz comercialmente Robusta. Esse resultado é surpreendente para um Estado com elevado grau de industrialização e que envolve setores agroindustriais extremamente importantes, tais como açúcar e álcool, pecuária, citros, laticínios e óleos vegetais.

No Estado do Paraná o setor de produção de café Arábica foi o que mais gerou empregos totais, evidenciando a importância da cultura para o Estado. Esse resultado reflete a estrutura fundiária das duas principais regiões de café

do Paraná – o Norte Velho, representado pela região de Jacarezinho, e o Norte Novo, representado pela região de Cornélio Procopio – onde predominam propriedades entre 4 e 8 ha, sistema de produção adensado, nível tecnológico intermediário, e principalmente, mão-de-obra familiar, exceto nos períodos de colheita, quando cresce a demanda por mão-de-obra contratada.

O setor de produção de Robusta se destaca também no Estado da Bahia, terceiro maior produtor brasileiro de café robusta, com o 3º maior gerador de empregos do Estado; em Rondônia, segundo maior produtor brasileiro de robusta, com o 2º maior gerador de empregos no Estado; e também no Resto do Brasil, onde, no conjunto dos demais Estados brasileiros, o cultivo do café robusta apresenta o maior gerador de empregos.

Considerando-se o Brasil como um todo, o estudo indicou que a produção de café robusta é o setor que gera maior número de empregos (totais) por 1 milhão de reais, enquanto a produção de café arábica é o quarto maior gerador de empregos por 1 milhão de reais, dentre os 44 setores considerados.

No entanto, há indicações de que a produção agrícola de café, arábica e robusta, não tem importância significativa como multiplicador de empregos, a partir da criação de um novo posto de trabalho, ou a partir do aumento da renda da população decorrente da criação de um novo posto.

Esses resultados evidenciam a importância da lavoura do café tanto para as economias estaduais como para a economia nacional como um todo. Mas, o que é mais importante, os resultados indicam que o impacto da implementação de políticas públicas que atuem sobre os setores de produção agrícola de café, arábica ou robusta, deverá ser muito significativo sobre a geração de empregos, tanto na economia nacional como nas estaduais. Portanto, políticas públicas direcionadas à produção de café deverão ser cuidadosamente analisadas antes de serem efetivamente implementadas.